

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Bom-Nome

Maytenus rigida

volume

5

Bom-Nome

Maytenus rigida

Foto: Marcos Drumond



Juazeiro, BA

Foto: Marcos Drumond



Bom-Nome

Maytenus rigida

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group* (APG) III (2009), a posição taxonômica de *Maytenus rigida* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Eurosídeas I

Ordem: Celastrales

Família: Celastraceae

Gênero: *Maytenus*

Binômio específico: *Maytenus rigida* Mart.

Primeira publicação: Flora 24(2): 90, 1841.

Nomes vulgares por Unidades da Federação:

em Alagoas, bom-nome; na Bahia, bom-nome, bonomeiro, colher, espinheira-santa e pau-de-colher; no Ceará, bom-nome e casca-grossa; em Goiás, espinheira-santa; em Minas Gerais, bom-nome e pau-de-colher; na Paraíba, bom-nome e bonome; em Pernambuco, bom-nome e bom-

nome-verdadeiro; no Rio Grande do Norte, bom-nome e cabelo-de-negro; em Sergipe, bom-nome.

Etimologia: o nome genérico *Maytenus* provém de *maitén*, termo aborígene chileno (*mapuche*), que designa uma celastrácea arbórea do Chile (*Maytenus boaria* L.); o epíteto específico *rigida* é porque as folhas são muito rígidas ou coriáceas.

Descrição Botânica

Forma biológica e foliação: é arbustiva a arbórea, de padrão foliar sempre-verde ou perenifólio.

A exemplo do juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), *M. rigida* é também uma espécie arbórea da Caatinga, que mantém suas folhas verdes durante a estação seca. Assim, ambas são perenifólias e só perdem a folhagem no rigor da seca mais intensa (ANDRADE-LIMA, 1981).

As árvores maiores de bom-nome atingem dimensões próximas a 8 m de altura e 40 cm

de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

Tronco: é irregular e ramificado desde a base. O fuste é curto ou inexistente.

Ramificação: é cimosas. Os ramos novos são cinzentos, glabros, cilíndrico-carenados e lenticelados.

Casca: mede até 5 mm de espessura. A casca externa (ritidoma) é lisa, fosca, cinza-escura e irregularmente manchada de cinza-claro a branco.

Folhas: são alternas, helicoidais, curto-pecioladas ou subsésseis; a lâmina foliar ou limbo tem consistência coriácea ou subcarnosa; é verde-escura e glabra, variando de elíptica a oval ou suborbicular, medindo de 2,6 cm a 7,5 cm de comprimento por 1,7 cm a 4 cm de largura; apresenta base obtusa a subcordiforme e ápice agudo arredondado a retuso; também apresenta bordo espinoso-serreado e nervura mediana saliente em ambas as faces.

Inflorescências: são axilares, sésseis a curtamente pedunculadas, em fascículos multifloros, com 3 a 7 flores.

Flores: são diminutas, com pétalas ovais, verdes, com bordo mais claro e pouco perfumadas. Os pedicelos florais medem de 0,4 cm a 0,8 cm de comprimento.

Fruto: é uma cápsula loculicida, bivalvar, orbicular, medindo de 8 mm de comprimento por 5 mm de largura e monospermica. O pericarpo maduro apresenta coloração alaranjada.

Semente: é pequena, castanho-avermelhada, envolta por um arilo esbranquiçado.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Maytenus rigida* é uma espécie hermafrodita.

Vetor de polinização: essencialmente abelhas e diversos insetos pequenos.

Floração: de março a maio, na Bahia (RIZZINI, 1976; CARVALHO-OKANO, 1992); de junho a dezembro, em Pernambuco (ANDRADE-LIMA, 1954; CARVALHO, 1976; CARVALHO-OKANO, 1992), em julho, em Goiás e no Rio Grande do Norte (CARVALHO-OKANO, 1992), e em outubro, em Sergipe (CARVALHO-OKANO, 1992).

Frutificação: os frutos maduros ocorrem em março, na Bahia (CARVALHO-OKANO, 1992), e de março a maio, em Pernambuco (CARVALHO, 1976).

Dispersão de frutos e sementes: dá-se principalmente por zoocoria (por animais) (ROCHA et al., 2004).

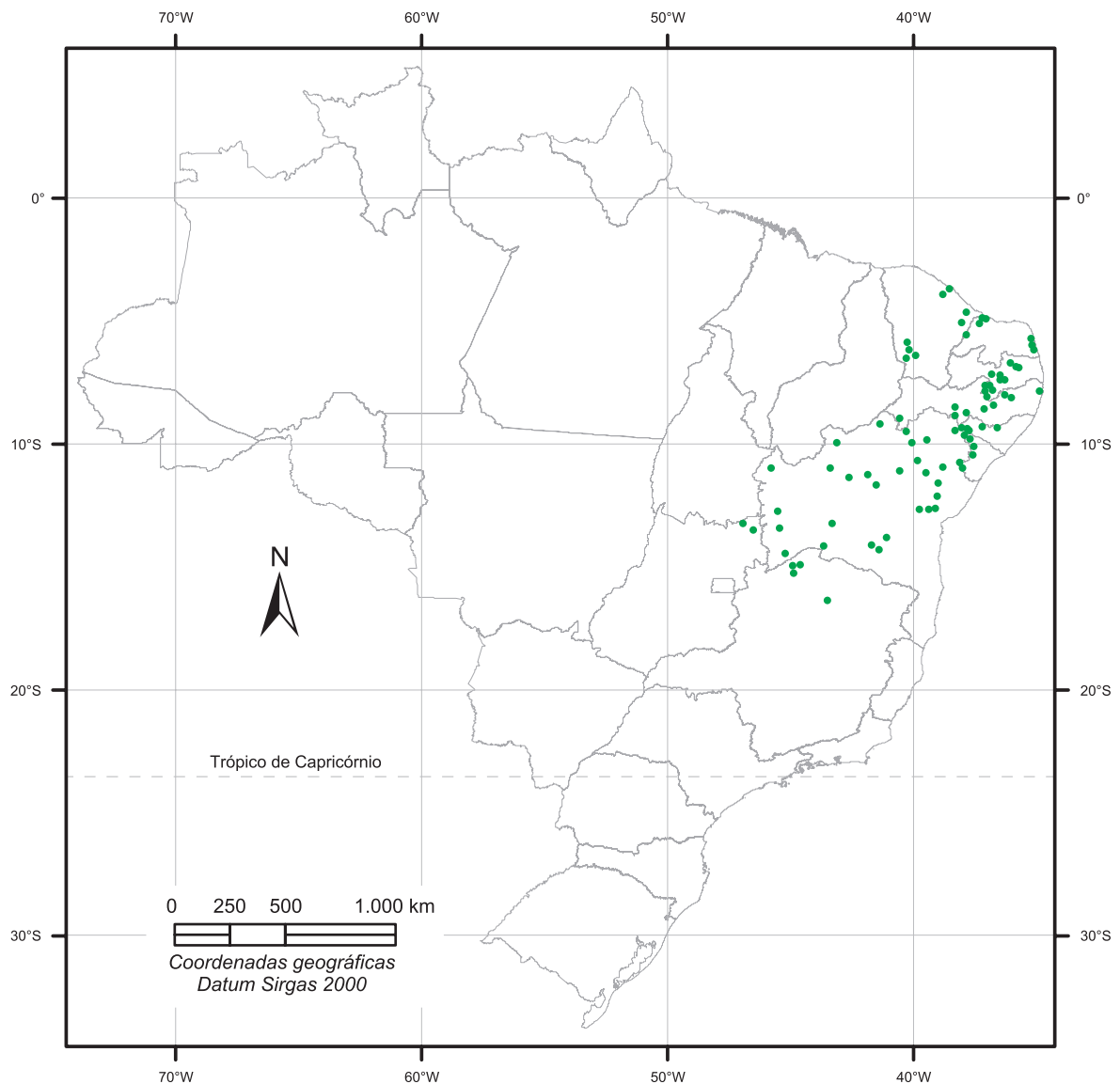
Ocorrência Natural

Latitudes: de 3°S, no Ceará, a 15°S, no norte de Minas Gerais.

Variação altitudinal: de 15 m, no Rio Grande do Norte, a 835 m, em Pernambuco.

Distribuição geográfica: no Brasil, *Maytenus rigida* ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 15):

- Alagoas (GAMA, 1992; SILVA, 2002).
- Bahia (MATTOS FILHO, 1968; RIZZINI, 1976; ANDRADE-LIMA, 1977; PINTO; BAUTISTA, 1990; PINTO et al., 1990; CARVALHO-OKANO, 1992; LIMA; LIMA, 1998; MENDONÇA et al., 2000; ROCHA et al., 2004; FRANÇA et al., 2005; SAMPAIO; SILVA, 2005; FRANÇA et al., 2006; LORENZI, 2009).
- Ceará (DUCKE, 1979; GOMES; FERNANDES, 1985; FERNANDES, 1990; CARVALHO-OKANO, 1992).
- Goiás (CARVALHO-OKANO, 1992; SILVA; SCARIOT, 2003; SILVA et al., 2004).
- Minas Gerais (CARVALHO-OKANO, 1992; BRANDÃO; GAVILANES, 1994b; GAVILANES et al., 1996; RODRIGUES et al., 2009).
- Paraíba (CARVALHO-OKANO, 1992; PEREIRA et al., 2002; SILVA et al., 2004; LACERDA et al., 2005; PEGADO et al., 2006; SANTOS; SANTOS, 2008).
- Pernambuco (ANDRADE-LIMA, 1954; ANDRADE-LIMA, 1970; ANDRADE-LIMA, 1979; LYRA, 1984; CARVALHO-OKANO, 1992; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; RODAL; NASCIMENTO, 2002; ALCOFORADO-FILHO et al., 2003; SAMPAIO; SILVA, 2005; FERRAZ et al., 2006; GOMES et al., 2006; RODAL et al., 2008; SILVA et al., 2009).
- Rio Grande do Norte (ANDRADE-LIMA, 1964; OLIVEIRA, 1976; FREIRE, 1990; CARVALHO-OKANO, 1992; OLIVEIRA et al., 2001; ALMEIDA JÚNIOR et al., 2002).
- Sergipe (ANDRADE-LIMA et al., 1979; SOUZA, 1983; CARVALHO-OKANO, 1992).



Mapa 15. Locais identificados de ocorrência natural de bom-nome (*Maytenus rigida*), no Brasil.

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: *Maytenus rigida* é encontrada na submata.

Importância sociológica: essa espécie é comum nos tabuleiros e frequente em capoeiras, onde pode ocorrer em aglomerados.

Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Caatinga

- Savana-Estépica ou Caatinga do Sertão Semiárido, em Alagoas, no Ceará, na Bahia, em Minas Gerais, na Paraíba, em

Pernambuco, no Rio Grande do Norte e em Sergipe, com frequência de até sete indivíduos por hectare (ALCOFORADO-FILHO et al., 2003).

- Numa área de Caatinga, em Cabaceiras, PB, Santos e Santos (2008), encontraram um indivíduo dessa espécie na borda e nenhum no interior.
- Campo de dunas arenosas, em Barra, na Bahia (ROCHA et al., 2004).

Bioma Cerrado

- Savana Florestada ou Cerradão, em Minas Gerais (GAVILANES et al., 1996).
- Savana ou Cerrado stricto sensu, na Bahia (MENDONÇA et al., 2000).

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), na formação das Terras Baixas, no Rio Grande do Norte, com frequência de até cinco indivíduos por hectare (OLIVEIRA et al., 2001).

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário (Mata Ciliar), em Minas Gerais (RODRIGUES et al., 2009), na Paraíba (LACERDA et al., 2005) e em Pernambuco (FERRAZ et al., 2006).
- Contato Floresta Montana (Brejo de Altitude) / Vegetação Caducifolia Espinhosa (Caatinga), na Paraíba (PEREIRA et al., 2002).
- Floresta Estacional Decidual, no Vão do Paranã, no nordeste de Goiás (SILVA; SCARIOT, 2003; SILVA et al., 2004).
- Floresta Serrana, em Pernambuco (RODAL; NASCIMENTO, 2002).
- Inselberg, no Semiárido baiano (FRANÇA et al., 2006).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 316 mm, no Sertão dos Inhamuns (sudoeste do Ceará), a 1.500 mm, no nordeste de Goiás.

Regime de precipitações: as chuvas são periódicas.

Deficiência hídrica: forte, no norte do Piauí, no oeste da Bahia e no norte de Minas Gerais. De forte a muito forte quase o ano todo, no interior da região Nordeste. Muito forte o ano todo, na depressão do Rio São Francisco e na faixa interior da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

O bom-nome usa diferentes mecanismos para sobreviver a períodos de déficit hídrico, pelo controle estomático e ajustamento osmótico (SILVA et al., 2004).

Temperatura média anual: 21,6 °C (Areia, PB) a 27,2 °C (Mossoró, RN).

Temperatura média do mês mais frio: 19,7 °C (Areia, PB) a 25,7 °C (Fortaleza, CE).

Temperatura média do mês mais quente: 23,0 °C (Areia, PB) a 28,7 °C (Mossoró, RN).

Temperatura mínima absoluta: 7,7 °C. Essa temperatura foi observada em Monteiro, PB (BRASIL, 1992).

Geadas: são ausentes.

Classificação Climática de Köppen: **Bsh** (semiárido quente), em Alagoas, na Chapada Diamantina e no nordeste da Bahia, no Ceará, na Paraíba, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e no noroeste de Sergipe. **As** (tropical, com verão seco), na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte. **Aw** (tropical, com inverno seco, subtipo Savana), na Bahia, no Ceará, no nordeste de Goiás, em Minas Gerais e no Rio Grande do Norte. **Cwa** (subtropical, com inverno seco e verão quente), em Goiás.

Solos

De preferência, *M. rigida*, ocupa áreas muito secas da Caatinga, de solo compacto ou cascalhento.

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: para se obter as sementes, devem-se colher os frutos diretamente da árvore, quando iniciarem a abertura, cortando-se os ramos com as infrutescências. Em seguida, esses frutos devem ser deixados à sombra, para completar a abertura e facilitar a extração manual das sementes.

Número de sementes por quilograma: de 5.000 a 20.000 por quilo (CARVALHO, 1976).

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade.

Longevidade e armazenamento: sementes de bom-nome são de comportamento fisiológico ortodoxo. Quando armazenadas fora da câmara fria, perdem a viabilidade rapidamente.

Produção de Mudás

Semeadura: recomenda-se proceder à semeadura em sacos de polietileno ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio (120 cm³). Se necessária, a repicagem deve ser efetuada quando as plântulas apresentarem de quatro a cinco folhas.

Germinação: é do tipo epigeal e as plântulas são fanerocotiledonares. A emergência ocorre a partir de 40 dias e a taxa de germinação é baixa, até 40% (CARVALHO, 1976).

Características Silviculturais

Maytenus rigida é uma espécie heliófila, que não tolera baixas temperaturas.

Hábito: essa espécie é ramificada desde a base e não apresenta dominância apical definida; também apresenta derrama natural fraca, devendo sofrer podas frequentes de condução e dos galhos.

Sistemas de plantio: recomenda-se plantio consorciado ou plantio em linha em Floresta Secundária, no estágio de capoeirão.

Melhoramento e Conservação de Recursos Genéticos

Maytenus rigida é citada na *Lista das Espécies Ameaçadas de Extinção da Flora do Estado de Minas Gerais*, como categoria vulnerável (COPAM, 2008).

Crescimento e Produção

Existem poucas informações sobre o crescimento do bom-nome em plantios. Contudo, seu crescimento é lento (Tabela 5).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade aparente): a madeira do bom-nome é densa ($0,92 \text{ g cm}^{-3}$ a $0,99 \text{ g cm}^{-3}$) a 15% de umidade (PAULA; ALVES, 2007; LORENZI, 2009).

Cor: o alburno é pardo-amarelado e o cerne é castanho-avermelhado (OLIVEIRA, 1976).

Características gerais: a madeira do bom-nome é dura e resistente, com baixa durabilidade natural.

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: por suas pequenas dimensões e pouca resistência aos decompositores, a madeira dessa espécie

tem pouco aproveitamento. Mesmo assim, é recomendada para pequenos trabalhos de carpintaria, na fabricação de colheres, cabos de ferramentas e de outros utensílios domésticos (BRAGA, 1960; MATTOS FILHO; RIZZINI, 1968; ANDRADE-LIMA, 1970).

Energia: a madeira dessa espécie é aproveitada para lenha. Contudo, há restrição a esse uso, em decorrência da pequena dimensão do tronco.

Celulose e papel: *Maytenus rigida* é uma espécie inadequada para esse uso.

Alimentação animal: na região de Xingó, na divisa de Alagoas, Bahia e Sergipe, essa espécie é muito pastejada por caprinos; sendo citada por 87,5% dos caprinocultores (LEAL et al., 2003).

Medicinal: na medicina popular, o chá da entrecasca do bom-nome é muito conceituado como diurético e usado no combate a doenças renais.

Alerta: as informações sobre o uso medicinal dessa espécie são apenas um registro factual da pesquisa, não devendo servir de orientação para prescrever tratamento, curar, aliviar ou prevenir qualquer doença, muito menos substituir cuidados médicos adequados.

Na medicina popular, *M. rigida* tem sido usada em várias cidades brasileiras, entre as quais: Alagoinha, PE (ALBUQUERQUE et al., 2005).

Paisagístico: o bom-nome tem porte ornamental, podendo ser usado, com sucesso, em paisagismo, principalmente na arborização de ruas e de avenidas.

Plantios com finalidade ambiental:

Maytenus rigida é muito importante na restauração de ambientes fluviais ou ripários (matas ciliares) e de ecossistemas degradados. Os frutos dessa espécie são muito procurados por vários tipos de aves.

Espécies Afins

O gênero *Maytenus* Molina é constituído por 225 espécies, distribuídas, principalmente, nas Américas Tropical e Subtropical, com algumas espécies no Pacífico Sul, na Ásia, na Malásia e na

Tabela 5. Crescimento de *Maytenus rigida* em plantios, em Pernambuco.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo ⁽¹⁾
Rio Formoso, PE	7	3 x 3	50,0	2,30	3	LVA _d

⁽¹⁾ LVA_d = Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico.
Fonte: Carvalho (1978).

África. No Brasil, esse gênero é representado por 77 espécies e 14 variedades.

Maytenus acanthophylla – com seus ramos lenticelados e suas folhas subsésseis – lembra *Maytenus rigida*, mas difere desta por suas folhas dotadas de dentes (espinhos) bem maiores e seus frutos tetragonos (CARVALHO-OKANO, 1992).

Geralmente, materiais herborizados de *M. rigida*, principalmente as folhas, se desarticulam dos ramos após a secagem.

Maytenus rigida é uma espécie taxonomicamente bem definida. Por isso, não existem dificuldades para ser reconhecida.



Florestas

Referências Bibliográficas
clique aqui